

Economia

MERCADO DE CAPITAIS

Selic baixa obriga rentistas a buscar novas aplicações

Investidores em renda fixa devem migrar para outras fontes de lucro

Thiago Copetti

thiago.copetti@jornaldocomercio.com.br

Os rentistas, como são chamados aqueles que vivem de renda proveniente da aplicação de capitais, viveram dias de ouro no Brasil entre 2015 e 2016, quando a taxa básica de juro beirou os 15% ao ano. O período é apontado como “único” na história recente do País, quando foi possível obter ganhos de 1% ao mês, sem risco, mas também sem gerar nenhum emprego ou produto. Apesar de aparentemente positivo para quem está ganhando, o cenário de dois anos atrás, dizem especialistas como Alexandre Wolwcaz, sócio do Grupo L&S, felizmente acabou.

“Por diferentes motivos, é bom que não se repita o cenário de juro de 2015 e 2016, de mais de 17% ao ano. Juro alto faz o dinheiro permanecer no banco, seja de pessoa física, seja do empresário, que irá preferir fazer aplicações financeiras em vez de abrir um novo empreendimento e gerar empregos”, explica Wolwcaz.

O empresário e especialista em investimentos avalia que mundialmente a perspectiva de juros é de, em média, entre 3% a 4% e por isso, apesar da queda da Selic no Brasil, a taxa ainda é alta (próxima de 6%). E não há, no mundo ou aqui, indicadores que mostrem tendência de alta, ressalta Wolwcaz. Ou seja, os rentistas têm pouco espaço para se manterem em uma posição de inércia e precisarão cada vez mais buscar alternativas de ren-

da. É esse o caminho natural, diz o presidente da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (Apimec-Sul), José Oliveira.

“A medida em que o juro básico vai caindo resta ao investidor que quer ter ganhos melhores fazer o que diz todo o livro de finanças: aumentar a exposição ao risco. No Brasil, o juro elevado teve com finalidade, ao menos em parte, atrair recursos para financiar gastos públicos, o que é alvo de muitas críticas. Isso porque o recurso que deveria ir para o setor produtivo e gerar empregos financiou os elevados gastos públicos brasileiros. Encerrada a fase de lucros fáceis, Oliveira recomenda, por exemplo, investimentos em ações de empresas que pagam dividendos regularmente como forma de distribuição de lucros.

“Há opções até de ganhos trimestrais, como paga a holding Itaú. No ano passado, outro destaque entre as empresas que pagam dividendos foi a Taesa. No caso do Itaú, nos últimos cinco anos, o grupo pagou uma média anual de 8% de rendimentos anuais”, comenta o presidente da Apimec.

Historicamente, quando a renda fixa cai é a renda variável que tende a melhorar. No caso de ações de empresas que repartem lucros entre acionistas, porém, tendem a valorizar menos no longo prazo. Isso porque a companhia deixa de reinvestir os ganhos na própria empresa, como fazem outras, o que aumenta o potencial de expansão

de quem não faz a distribuição. A migração de investimentos de renda fixa para ações, por exemplo, começou em 2016, quando teve início a queda da taxa básica de juro e posterior controle da inflação. De janeiro de 2016 até agora, vale ressaltar, o Ibovespa passou de menos de 40 mil pontos para mais de 80 mil pontos alta de mais de 100%, promovida em parte pela migração dos investidores.

Para o professor da faculdade de Economia da Pucrs, Alfredo Meneguetti também há boas opções de ganhos com debêntures, quando o investidor empresta à empresa, que vai pagar o juro. Mas, enquanto nas debêntures incentivadas por bancos e corretoras há o segundo garantidor até R\$ 250 mil, no caso das debêntures diretas o investidor corre risco maior para também ter ganhos maiores.

“Por esse risco, algumas destas empresas pagam entre 6% e 7% acima da inflação. Mesmo assim, claro, se ficará longe do ganho que se obtinha há alguns anos”, pondera o economista.

Meneguetti também lista entre as opções os Fundos Multimercados, que misturam renda fixa e variável (como câmbio ou ações de empresas) em diferentes proporções. “Em geral, se coloca 70% em renda fixa, em CDBs e títulos públicos, e o restante em variável. Rankings de retorno de fundos multimercados mostram diversas opções de ganhos entre 25% e 30% nos últimos 12 meses”, assegura o professor da Pucrs.

Bovespa acumula alta de 1,44% na semana; dólar cai 0,50%

O Ibovespa fechou a sexta-feira em leve queda, mas com ganhos acumulados acima de 1% na semana e defendendo a marca dos 85 mil pontos. Após uma abertura com desvalorização um pouco mais forte, o índice à vista passou a segunda etapa do pregão em queda amena, mostrando resiliência frente ao cenário internacional, com o mau humor dominando desde as commodities até os seus pares nos principais mercados acionários do exterior.

O pregão encerrou com o Ibovespa em baixa de 0,32%, aos 85.550 pontos. Na semana, a valorização foi de 1,44%. Na visão de analistas de renda variável, sem notícias relevantes no front doméstico para impulsionar os negócios, a bolsa teve como tendência uma leve realização hoje. Nesse sentido, o volume financeiro foi fraco, de R\$ 8,7 bilhões, e novamente abaixo da média do ano.

“Tivemos uma resiliência forte em commodities neste mês, que agora devolve um pouco. O setor financeiro também ajusta. Diante dos ganhos acumulados no ano eles têm tido uma realização até modesta”, disse Marco Saravalle, analista XP Investimentos.

Entre as blue chips, os papéis da Petrobras foram os únicos a encerrar a sessão de ne-

➤ **Fechamento** Fonte: B3/Ibovespa



➤ **Volume**

R\$ 8,732 bilhões

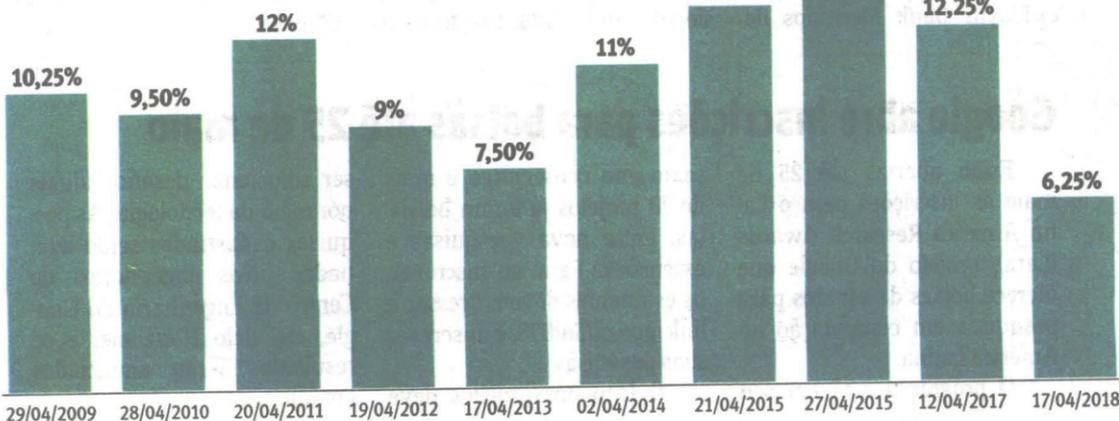
gócios em alta de 0,25% (ON) e 0,72% (PN). Lá fora, os contratos futuros do petróleo passaram o dia levemente no negativo. Vale ON, teve queda de 0,42%.

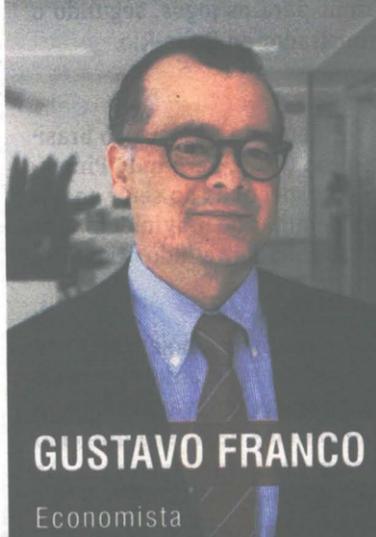
Já no setor financeiro, Bradesco liderou as quedas com recuo de 1,41%, seguido pelas units do Santander (-1,12%) e o Banco do Brasil (-1,10%). Itaú Unibanco PN recuou 0,22%.

Na meia hora final do pregão do câmbio na sexta-feira, a T-Note de 10 anos renovava máximas e chegou a alcançar maior taxa em quatro anos, o que manteve a alta do dólar à vista no fechamento. A moeda fechou a R\$ 3,4090, com valorização de 0,54%. Na semana, no entanto, o dólar acumulou queda, de 0,50%. No segmento à vista, o câmbio movimentou US\$ 1,25 bilhão.

JUROS

Em 10 anos, entre 2009 e 2018, a taxa Selic oscilou entre 14,25% a.a e 7,5% a.a., com reflexos diretos nos ganhos dos investidores que apostam na renda fixa





PERSPECTIVAS ECONÔMICAS PARA O BRASIL NUM ANO ELEITORAL

25 de ABRIL às 12h

HOTSITE EXCLUSIVO TÁ NA MESA. INSCREVA-SE: www.federasul.com.br/tanamesa

GUSTAVO FRANCO
Economista

51 3026.4900 - Rua 216 - Levenhau/Federasul.com.br

51 3026.4900 - Rua 216 - Levenhau/Federasul.com.br

